Influência das estórias infantis na formação dos papéis de gênero

Ana Beatriz Laurindo Souza [1]; Fabiane Pereira da Silva [1]; Lidyane Costa Feitosa [1]; Rafaela Silva Ferreira [1]; Ludgleydson Fernandes de Araújo [2]

[1] Acadêmicas de Psicologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI – Campus Ministro Reis Velloso/Parnaíba-PI.

[2] Psicólogo, Mestre em Psicologia Social. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI – Campus Ministro Reis Velloso/Parnaíba-PI.

lidyfeitosa22@hotmail.com

RESUMO

Sabe-se que no período da infância, as crianças observam, aprendem ou imitam gestos, comportamentos e atitudes de adultos no seu convívio. As diferenças entre a interpretação de papéis femininos e masculinos ocorrem de diversas maneiras dependendo da cultura de cada lugar. Nessa perspectiva, este trabalho objetiva apontar aspectos acerca da formação e representação dos papéis de gênero nas estórias infantis. Levando em consideração a literatura infantil como influenciadora no processo de socialização das crianças e a escassa produção escrita sobre o assunto, julgamos importante destacar como são tratados os papéis de gênero no conteúdo de algumas estórias, representados em personagens humanos, animalescos e/ou seres inanimados. Para tal foram escolhidos, de forma aleatória, 10 livros infantis, entre clássicos e contemporâneos, veiculados ao projeto do Governo Federal, Quali Escola, no município de Parnaíba/PI. Utilizou-se a análise de conteúdo (Bardin, 2002) levando em consideração os aspectos referentes ao título, ilustrações, linguagem, autores e a própria estória em si, associadas a representações de gêneros. Através deste trabalho percebeu-se que apesar das mudanças ocorridas nos padrões sexistas associados ao masculino e ao feminino, ainda existe desigualdade entre ambos nas estórias infantis. Um dos fatores que confirmam tal afirmação é o fato de que 72,7% dos autores das estórias analisadas são do sexo feminino, mas, no entanto, 57, 2% dos personagens são do sexo masculino e ainda preservam os padrões tradicionais de comportamento, ou padrões chamados machistas. Salienta-se ainda os aspectos físicos, ocupacionais e comportamentais, nos quais foi constatado que a maioria das características atribuídas ao gênero feminino foi negativa, como por exemplo, as mulheres serem representadas como gordas, feias e fracas mais vezes que os homens. Com isso acredita-se que ainda se tem muito a transformar nas estórias infantis já que estas funcionam como instrumento socializador, para que se consiga, assim, transmitir uma visão equivalente entre os gêneros.

Palavras-chave: papéis de gênero; estórias infantis; socialização.

Influência das estórias infantis na formação dos papéis de gênero

Ana Beatriz Laurindo Souza [1]; Fabiane Pereira da Silva [1]; Lidyane Costa Feitosa [1]; Rafaela Silva Ferreira [1]; Ludgleydson Fernandes de Araújo [2]

[1] Acadêmicas de Psicologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI – Campus Ministro Reis Velloso/Parnaíba-PI.
[2] Psicólogo, Mestre em Psicologia Social. Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Piauí – UFPI – Campus Ministro Reis Velloso/Parnaíba-PI.

INTRODUÇÃO

As estórias infantis fazem parte do contexto de leitura das crianças desde o período de ascensão da burguesia, no século XIX. Seu início ocorreu com clássicos como *Chapeuzinho Vermelho*, de Perrault. Clássicos de conto de fadas como esse foram inspirados em contos e lendas, de cunho realista, do período medieval, substituídos, em seguida, por contos que detêm de uma visão mais romântica, atendendo aos interesses pedagógicos burgueses.

São exemplos de literatura humanista, contos como *Rapunzel* e *João e Maria*, escritos pelos irmãos Grimm. Nessa perspectiva, de acordo com ZILBERMAN (1984) *apud* AMARAL (2004), os gêneros clássicos como tragédia, epopéia, foram substituídos pelo drama, melodrama, romance, voltados à manifestação de eventos da vida burguesa e cotidiana, deixando de lado os assuntos mitológicos e as personagens aristocráticas. Porém, é necessário destacar que, *a priori*, esses contos não eram considerados como obras de cunho infantil. Assim o foram com o advento da ascensão burguesa e com o delineamento da noção social de infância.

Obras de autores como Perrault e os irmãos Grimm sofreram inúmeras adaptações e modificações, ao longo dos tempos, dando lugar a outros gêneros tais como fábulas e contos folclóricos que se consagraram ainda no século XIX, como *Alice no País das Maravilhas*, de Carrol e *Pinocchio*, de Collodi (AMARAL, 2004). Nesse período as obras passaram a ter um sentido socializador mais forte, devido ao cunho moral-pedagógico direcionado ao público infantil, assim como o enraizamento da presença de funções e papéis que caracterizam o gênero feminino e masculino.

No Brasil, os primeiros textos destinados ao público infantil, surgiram no século XIX, com os *Contos da Carochinha* (1984), de Alberto Figueiredo Pimentel, além de outros contos e histórias estrangeiras, traduzidas e adaptadas. Esses contos possuem forte cunho socializador, destacando a figura feminina como aquela dotada de virtudes e a concepção de que só possuindo essas virtudes é que se faz possível alcançar a felicidade. Ao fim do séc. XIX cada vez mais se fortalecia uma literatura caracteristicamente brasileira, possuindo como maior representante Monteiro Lobato. É valido salientar que em sua obra, Monteiro Lobato não prioriza o efeito didático e moralizante da literatura, mas sim divertir e despertar a inteligência nas mesmas.

No que tange aos fins pedagógicos da literatura infantil, pode-se afirmar que, no Brasil, também não foi diferente, a disseminação da leitura se dá, principalmente através da escola. A escola é um importante meio de socialização na vida das crianças. Por conta disso, os livros de estórias infantis são comumente utilizados em nosso país como material didático ou como também são conhecidos, paradidáticos. AMARAL (2004) faz considerações acerca da utilização dos livros como meio de viabilizar a educação, momentos nos quais onde PIMENTEL (1894), em seus contos, escreve em sutis

palavras e ao mesmo tempo deixando bem claro o papel de “rainha do lar” da mulher quando mãe e esposa.

Nessa perspectiva, as representações sociais acerca da influência das estórias infantis na construção dos papéis de gênero podem ser entendidas como um conjunto de informações, atitudes, valores e crenças que um indivíduo forma para si através de experiências ou aprendizado com outras pessoas a cerca de um lugar, grupo ou pessoas. Assim, cada pessoa interpreta à sua maneira os acontecimentos a sua volta e os ensinamentos lhe são impostos. Sobre isso, JODELET (2001) afirmam que “as representações sociais tem função de comunicação, apreensão e controle social, o que possibilitaria a interpretação circundante”.

Aqui se expõe exatamente o que abordaremos neste trabalho, no sentido de que as estórias infantis possuem significativa relevância na compreensão das diferenças entre a interpretação de papéis femininos e masculinos e na construção de valores humanos relacionados a cada gênero. No que diz respeito aos valores, estes se constituem como constructos sobre conceitos que expressam comportamentos desejáveis, sendo estes capazes de orientar escolhas e atitudes do indivíduo.

Dessa maneira, levando em consideração a literatura infantil como influenciadora no processo de socialização das crianças e a escassa produção escrita sobre o assunto, julgamos importante destacar como são tratados os papéis de gênero no conteúdo de algumas estórias, representados em personagens humanos, animalescos e/ou seres inanimados.

MÉTODO

Para a realização desta pesquisa foram escolhidos, de forma aleatória, 10 livros infantis, entre clássicos e contemporâneos, veiculados ao projeto do Governo Federal, Qualiescola, no município de Parnaíba/PI. O Qualiescola é um incentivo governamental, lançado em janeiro de 2006, que visa promover a leitura em sala de aula ,incentivando um ensino de maior qualidade nas áreas de português e matemática além de proporcionar um aumento no número de jovens leitores DELORS (1996).

No tocante ao método utilizado para a construção do presente trabalho, utilizou-se a análise de conteúdo proposto por BARDIN (2002), que consiste na observação e descrição minuciosa de características relativas ao contexto/teor do objeto a ser estudado.

Segundo DEUSDARÁ e ROCHA(2005), a análise de conteúdo é o:

> "conjunto de técnicas de análise das comunicações" que aposta grandemente no rigor do método como forma de não se perder na heterogeneidade de seu objeto. Nascida de uma longa tradição de abordagem de textos, essa prática interpretativa se destaca, a partir do início do século XX, pela preocupação com recursos metodológicos que validem suas descobertas. Na verdade, trata-se da sistematização, da tentativa de conferir maior objetividade a uma atitude que conta com exemplos dispersos, mas variados, de pesquisa com textos.

Nesse caso foi utilizada a análise de conteúdo dos livros escolhidos, para posterior categorização de aspectos referentes ao título, ilustrações, linguagem, autores e a própria estória em si, associadas a representações dos papéis atribuídos à figura feminina e masculina.

Para tal, foram analisados os seguintes tópicos acerca dos aspectos acima mencionados: Conteúdo do título, gênero dos autores e ilustradores, gênero predominante nas ilustrações, aspectos físicos freqüentes relacionados ao gênero, valores humanos, ocupações diversas e análise do conteúdo lingüístico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante o estudo podemos perceber que a maior parte dos autores é do sexo feminino, dos ilustradores são do gênero masculino e que todos os livros que destacam algum personagem no título, pertencem ao gênero masculino, como é possível perceber em: *Filhotes de bolso, O caso do bolinho, Meu tio é um problema* e *Quem tem medo de lobo?*

Os dados apontam que 72,7% dos autores são do sexo feminino, sendo apenas 27,3% do sexo masculino. Entre os ilustradores constatou-se que 60% pertencem ao gênero masculino e apenas 40% do sexo feminino. Esses dados corroboram com outros dados obtidos, pois 60% das ilustrações das ilustrações analisadas remetem ao masculino, sendo então, dessa forma mais freqüentes nas estórias analisadas. Quanto aos aspectos físicos atribuídos aos personagens ilustrados, constatou-se que ao gênero feminino, em sua maioria, foram atribuídas as seguintes características: gorda, baixa, feia, idosa e fraca; ao passo que ao sexo masculino foram atribuídas as características a seguir: alto, magro, bonito, jovem e forte.

No trabalho de AMARAL (2004), percebeu-se que quanto aos aspectos físicos ouve uma discrepância entre os resultados encontrados na presente pesquisa, pois constatou-se que nas estórias analisadas por ela enfatizou-se a beleza, tão exigida aos padrões de feminilidade, a ponto de ser ressaltada mesmo se tratando de uma bruxa, ou seja, a relação de exterioridade, tão intrinsicamente atribuída ao gênero feminino, chega a inverter uma característica estigmatizada em positiva. Já quanto aos aspectos cognitivos a pesquisa de OLIVEIRA (2008) mostrou que a mulher é representada como "desorientada", "atrapalhada", "burra"; corroborando com os resultados aqui encontrados.

As informações obtidas a respeito das ocupações dos personagens ilustrados indicam que a maioria das ocupações foi atribuída as sexo masculino, sendo que as poucas ocupações atribuídas, em maior freqüência, ao gênero feminino foram as de cuidadora do lar, bailarina e princesa.

Resultados bem parecidos foram encontrados no trabalho realizado por OLIVEIRA (2008), no qual as mulheres são representadas como mãe e dona de casa, implicitamente atrelando tais status a níveis intelectual e de escolaridade inferiores ao marido, o qual tem uma profissão fora de casa. Vale ressaltar que na mesma pesquisa constatou-se que quando a mulher trabalha fora de casa é frequentemente representada em situações subalternas (servindo outras pessoas), ocupando posições mais 'delicadas', menos prestigiadas pelo mercado, ou nas quais há uma menor exigência intelectual. Assim, as seguintes profissões são geralmente apontadas para a mulher: professora, enfermeira atendente, garçonete, bailarina, modelo, recepcionista, secretária, cantora, policial, atriz, sendo que 'professora', 'enfermeira' e 'atendente' são as profissões de maior incidência atribuídas às mulheres em todos os livros pesquisados.

Com relação aos valores humanos associados a cada gênero observou-se que nas estórias estudadas as características relacionadas ao gênero feminino foram, paciência/tolerância, solidariedade, proteção, medo, emotividade e aspectos comumente atribuídos à imagem da mulher como um ser bondoso e frágil, porém que protege maternalmente. Quanto ao gênero masculino foram associadas características como feições de autoridade, esperteza, coragem, agressividade e força. Aspectos que condizem com os padrões sociais sexistas do homem forte, corajoso e esperto que defende a mulher de todos os perigos.

A presente pesquisa obteve os mesmos resultados que BOURDIEU (1999), pois em ambas percebeu-se que a oposição entre o grande e o pequeno é um dos princípios fundamentais da experiência que os agentes têm de seu corpo e de todo o uso prático

que dele fazem, e principalmente do lugar que lhe dão (a representação comum concedendo ao homem a posição dominante, a do protetor que envolve, toma conta, olha de cima etc.), assim especifica-se segundo os sexos, que são eles próprios pensados através dessa oposição.

No que diz respeito à análise de aspectos da linguagem escrita associada ao gênero, foi destacado ao feminino, com maior freqüência, amizade/afeto, cozinha, instrução/educação, solidariedade, fragilidade, esperteza e prestação de auxílio. Já ao gênero masculino foram destacados tópicos como, solidariedade, força, autoridade, coragem, dominância, proteção, emotividade e conscientização ambiental.

Na pesquisa de OLIVEIRA (2008) observou-se que quanto à análise de aspectos da linguagem escrita associada ao gênero, as mulheres não são representadas com freqüência em atitude de lazer, sentadas, descansando, lendo o jornal. Em algumas ocasiões em que as mulheres são retratadas sentadas, estão com expressão de exaustão. Em outras ocasiões são representadas lendo em pé (e não sentadas). Homens aparecem fazendo trabalho burocrático / dando conselhos / dirigindo o carro com a mulher ao lado / trabalhando no computador / dirigindo seu próprio carro (sozinho) indo para o trabalho/ resolvendo problemas para as mulheres.

Com isso constatou-se que as estórias infantis ainda insistem em reproduzir chavões sexistas e que cada vez mais tendem a mostrar-se pouco sustentáveis na sociedade moderna que queremos construir. Apesar de percebermos um grande avanço na preocupação de planejadores de políticas educacionais, autores e ilustradores em introduzir indicadores de diversidade sócio-cultural, nos materiais instrucionais, continua aparente a presença de estereótipos, com uma grande tendência a favorecer o sexo masculino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos dados apresentados neste trabalho percebeu-se que apesar das mudanças ocorridas nos padrões sexistas associados ao masculino e ao feminino, ao longo dos anos, ainda existe desigualdade entre ambos nas estórias infantis. As características e ocupações atribuídas aos homens também podem ser associadas ao gênero feminino, assim como o contrário, pois estas não farão com que cada um perca sua identidade, já que a construção da identidade depende das vivências e experiências, sendo, através dessas, uma escolha de cada pessoa.

Entendendo a escola como um meio de fundamental importância na construção da identidade da maioria dos indivíduos, pois neste *locus* as crianças passam grande parte do tempo, acredita-se que ainda se tem muito a transformar nas estórias, já que estas também são utilizadas na escola, funcionando como um relevante instrumento socializador, para que se consiga, assim, transmitir uma visão equivalente entre os gêneros.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Celena Izabel do. *Representações do feminino e masculino nas estórias infantis*. Dissertação de Mestrado. Departamento de Sociologia. Setor de Ciências Humanas, Letras e artes. Universidade Federal do Paraná. Inédita,2004.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3 ed. Lisboa: Edições 70, 2002.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

DELORS, J. et al. **Educação: um tesouro a descobrir** – relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Portugal: Edições ASA, 1996.

JODELET, D. *As Representações Sociais.* Rio de Janeiro: EdUERJ. 2001.

OLIVEIRA, Sara. Texto visual, estereótipos de gênero e o livro didático de língua estrangeira. *Trab. linguist. apl*. vol.47 no.1 Campinas Jan./Jun. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 12 de agosto de 2009.

PIMENTEL, Alberto Figueiredo. *Contos da Carochinha*, 1894.

ROCHA, Décio; DEUSDARA, Bruno. Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória. Alea, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, Dec. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 24 de setembro de 2009.

LIVROS DE LITERATURA INFANTIL PESQUISADOS

BELINKY, Tatiana. *O caso do bolinho.* Ilust. Avelino Guedes. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004.

COLE, Babette, *Meu tio é um problema.* Ilust. da autora. 2 ed. São Paulo: Companhia das letrinhas, 2005.

FRANÇA, Mary; FRANÇA, Eliardo. *Que bicho será?*. Coleção os pingos. 8 ed. São Paulo: Ática, 2006.

GRIMM, Jacob; GRIMM, William. *Contos de Grimm*. Ilust. A Archipowa, 7 ed. São Paulo: Ática, 2003.

JOLY, Fanny. *Quem tem medo de escuro?*. Ilust. Jean Noel Rodut. 5 ed. São Paulo: Editora Scipione, 2006.

JOLY, Fanny. *Quem tem medo de lobo?*. Ilust. Stephen Michael King. São Paulo. Brinque- book, 2002.

MEIRELES, Cecília. *Ou isto, ou aquilo*. Ilust. Thaís Linhares.6 ed. Rio de janeiro: Nova fronteira, 2002.

PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. Ilust. Luis Maia. São Paulo: Ática, 2005.

PRIETO. Heloísa. *Lá vem a história: contos do folclore mundial.* Ilust. Daniel Kando.São Paulo. Companhia das letrinhas, 1997.